

DE UM CASO PARA OS DEMAIS: DE ONDE VEM A CEGUEIRA AUTOREQUERIDA OU AUTOIMPOSTA DA IMPRENSA MASSIVA NACIONAL?

Pretendo desenvolver algumas ideias sobre uma premissa que formulo assim:

O vício de uma tendência jornalística e intelectual brasileira que, ao refutar o militarismo e usar o golpe de 1964 como motivo para desqualificar moral e intelectualmente qualquer um que não se enquadre na cartilha do progressismo reinante, tornou-se cega (ou assim finge ser) para a razão e o curso natural das coisas.

Explicações não diretamente ligadas ao caso analisado: justificando-me

Vivemos tempos tão polares que para falar de algo corrente e pululante, é necessário fazer alguns efúgios para justificar o que se quer dizer ou aonde se quer chegar, sob pena de ser sumariamente defenestrado. E, ainda assim, escrevo como Descartes em seu conspícuo **Discurso do Método**, sempre com medo e comportando-se como um fugitivo.¹ Afinal, do que se trata? O meu escrito é uma inferência sobre o que nos escreveu o consagrado jornalista Jânio de Freitas no site **Poder 360**.² Recentemente, dia 08/01/2024, fez um ano desde que o Congresso Nacional brasileiro foi tomado por pessoas que estavam indignadas sobre as coisas que vão pelo mundo da política no Brasil, depredando e fazendo arruaças naquele local. Sem titubear, a grande imprensa nacional, populacha e politiqueira, alcunhou aquele ato de Golpismo e Antidemocracia. Fizeram tão somente o que já foi feito outras vezes, e o caso mais recente, só para lembrar, foi quando manifestantes em 2017, fizeram coisa parecida.³ Mas o caso de 2017 não trouxe, nem de longe, a enxurrada de parlengas efusiantes que, desde então, são usadas como entorpecentes para martelar nossas cabeças angariar a aprovação dos incautos e propagar tão somente o ponto de vista de uma determinada corrente de pensamento.⁴ E, a corrente majoritária, digo, os jornais escritos e televisivos de maior alcance dentro da nação, comandados por eminentes jornalistas, juristas, e também palpiteiros de toda sorte, soltaram o verbo para apontar que faz um ano da “**vitória da democracia sobre os golpistas**”. Será? E, de outro modo, pessoas também formadas por eminentes jornalistas, juristas e palpiteiros de toda sorte também (entre eles, eu) apontando que nada daquilo era golpismo e sim oportunismo do Governo então recém eleito para desqualificar o Governo anterior (o de Bolsonaro). Combinado: Bolsonaro também nunca foi nenhum anjo celestial e seu governo foi marcado por inúmeros casos intempestivos além da famigerada Pandemia de Covid, que deu o que falar. Mas esse não é o caso, pois Lula está muito longe de

¹ Comentei as 6 partes deste **Discurso** aqui no Webartigos. De modo algum estou comparando a minha quemera amadora aos postulados de Descartes. Apenas verifico que algumas circunstâncias, ainda que cronologicamente distanciadas, podem ter alguma semelhança.

² O texto encontra-se disponível no endereço que segue: https://www.poder360.com.br/opiniao/golpe-no-otimismo/?utm_source=whatsApp (acesso em 13/01/2024). Mas o texto em si é apenas a repetição banal daquilo que na imprensa brasileira, por via de regra, tornou-se a percepção majoritária dos intelectuais e produtores de opinião na mediática massificada.

³ Por exemplo: <https://www.youtube.com/watch?v=qIC3xO1KOBEE> Manifestantes invadem e ateiam fogo em ministérios. (acesso em 15/01/2024). Em 15/03 2017 houve a invasão do prédio do Ministério da Fazenda. Inicialmente era 200 pessoas mas depois percebeu-se que eram cerca de 1500. Ver, por exemplo, o seguinte endereço abaixo. www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/03/15/interna-brasil,580792/manifestantes-invadem-predio-do-ministerio-da-fazenda-em-brasilia.shtml (acesso em 15/01/2024)

⁴ O que aconteceu com as pessoas que em 06/06/2006 invadiram o congresso? Ver em: <https://www2.anabb.org.br/Portal/Noticia/Visualizar/93494/MLST-promove-maior-quebra-quebra-ja-visto-no-Congresso>. (acesso em 15/01/2024). Ainda na esteira desta questão, valer ler o artigo intitulado **Recordar é viver: a invasão do Congresso em 2006 não resultou em prisões**. www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/contraponto/recordar-e-viver-a-invasao-do-congresso-em-2006-nao-resultou-em-punicoes-458748/ (Acesso em 15/01/2024).

merecer condecorações honrosas. Seus governos anteriores e os de seu partido foram a mais vertiginosa depredação dos ativos de um país, além de inúmeras “amarrações ideológicas” com países vizinhos.

Derrota do golpismo e vitória da democracia e bum bum bum foi o que se viu nos canais televisivos abertos de todo país no recente 08/01/2024. Os comícios **Das Diretas Já** da metade da década de 1980 não foram páreo para as comoções ensejadas por conta do 1º ano da “vitória sobre o golpismo”. O programa *Fantástico*, da tevê Globo, o mais influente canal de televisão aberta do país, fez um salseiro daqueles, uma carnavalização completa como se tivéssemos sobrevivido a uma 3ª Guerra Mundial. O canal das novelas aproveitou sua experiência e fez um novelaço daqueles. E olha, quem viu aquilo precisou conter-se para não ir às lágrimas. Foi patriotismo, hino nacional, bandeira nacional e tudo o mais que a esquerda rejeita foi trazido à baila para festejar a “acachapante vitória da democracia sobre os golpistas”. E nessa bolha carnavalesca, na qual os jornalistas evidentemente não creem mas precisam continuar a enganar seus expectadores por que o patrão assim quer, os malvados foram, finalmente, sentenciados, e os vitoriosos democratas, glorificados, depois do perigo a que foram expostos. Que coisa mais linda! Os escombros da guerra na Ucrânia e a crise humanitária por lá, o recente ataque do Hamas a civis israelenses e o feroz contra-ataque de Israel, nada disso foi tão meticulosamente analisado quanto a “vitória” dos anjos sobre os demônios no aniversário do primeiro aninho do famigerado 08/01/2023. Foi um encenação cômica, patética, forçosa e bem digna da hipocrisia que por ora nos assola com ares angelicais. Tudo isso em nome do “bom jornalismo e da ética” que fique claro. Mas a tevê Globo não foi a única. Viu-se algo parecido em outros canais abertos também. Nos canais de YouTube então...foi um festerê jamais visto. Parecia que o Brasil estava renascendo dos escombros de uma guerra que durara décadas, livrando-se finalmente dos malévolos conservadores, fascistas, golpistas e retrógrados que nos empurraram para o Hades, no qual permanecemos por um longo e sofrido ano. Mas passou e a democracia, sempre radiante, venceu. Nem C. S. Lewis foi capaz de imaginar uma novela tão bem engendrada. O seu famoso “**Conversa entre o diabo e seu amigo**” fica parecendo um bilhete de um crente tolo perto do que a Globo e toda imprensa nacional foi capaz de arquitetar.

Aos “derrotados” sobraram somente as poucas palavras tímidas e pálidas de alguns sites e blogs, como se temessem alguma censura por aquilo que fossem dizer, cujo teor dava conta de que o Governo recém empossado em 01/01/2023 usou o acontecimento de 08/01/2023 para encobrir os escombros ainda presentes dos Governos de Lula e Dilma. Isto é, aproveitou-se do ocorrido para fazer fumaça e autoglorificar-se. Mas quem em sã consciência levaria um argumento desse a sério, não é mesmo? Ora eu levei. Esse tal 08 de Janeiro de 2023, foi, esta sendo, e o será por tempo ainda, “uma guerra de narrativas”, para usar um clichê recorrente. Seja como for, prossigamos até chegar no Senhor Janio de Freitas, um ser humano de mais de 90 anos e com muitos bons serviços prestados ao jornalismo brasileiro. Quero crer que sim, mas será mesmo?

JORNALISMO SÉRIO NÃO PRECISA SER ISENTO, MAS ASSERTIVO E EQUIDOSO

Não quero voltar à querela no jornalismo isento. Afinal, o positivismo cientificista, de onde brotaram as concepções de uma ciência imunizada de marcas pessoais, foi a maior mediocridade filosófica havida na história de nossa tradição cultural.⁵ Ética, mediania e capacidade autoavaliativa não podem ser confundidas com isenção. Tal cousa nunca houve simplesmente porque nunca nada daquilo que humanos fazem poder ser isento. E se

⁵ Refiro-me à filosofia do francês August Comte que, entre outras coisas em seu *Curso de Filosofia Positiva*, quis equipar as ciências humanas às possíveis verificações e análises técnicas e procedimentais a que se pode submeter fenômenos das ciências naturais. Desse modo, queria Comte, nos convencer de pode haver uma ciência neutra ou um saber neutro como ocorre, por exemplo, na matemática. Afinal, eu posso gostar mais do Hayek e você, mais do Marx. Mas 2 + 2, sempre dará 4.

houvesse, de que valeria uma *fotografia fria* para seres cujo centro de *movência* sempre foi a intencionalidade? A beleza de tudo que nos faz ser “*demasiadamente humanos*”, como lembra Nietzsche, é essa pulsão vivencial que nos empurra para fora do simples complexo químico e biológico que somos em termos naturais. Sobre isso, ou em torno disso, em meu modesto modo de ver as coisas, cabem as sapienciais palavras *parafraseáticas* de José Saramago: “*nasci como todas as crianças, sujo do sangue de minha mãe; só chorei porque me fizeram chorar; e é tão somente por esse único motivo que choro pela vida inteira*”.

Somos seres intencionais e essa é nossa condição ontológica fundamental. Nem ciência, nem filosofia, nem poesia, nem teatro, nem literatura e nem brincar de roda estão isentos de nossa marca humana. Maurice Merleau-Ponty, entre outros fenomenólogos como Edmund Husserl, a maior referência na fenomenologia contemporânea, foram incisivos em apontar que nascemos marcados pela duplicidade: nascemos do mundo e agimos no mundo. Somos ao mesmo tempo influenciados pelo quadro dentro do qual nascemos, isto é, o mundo, que resume-se de modo generalista à cultura, aos conhecimentos já constituídos, aos valores e à língua, ao mesmo tempo que também ajudamos a modificar o quadro dentro do qual nascemos à medida que nos movemos com nossos atos intencionais. Como assim? Exatamente porque agimos de modo intencional e não meramente mecânico-repetitivo. Humanos não são, por assim dizer “meras cópias” de seus genitores. Biologia e cultura são campos distintos e também, ao mesmo tempo, o que nos diferencia de tudo e todos que conosco comunga a vivência em nosso Planeta Mãe. Mas por que digo essas coisas se elas aparentemente tem pouco a ver com o que o Janio de Freitas escreveu sobre o ocorrido em Brasília em 08/01/2023? Bem, é tão somente para não haver a acusação de que procuro por uma neutralidade naqueles com quem não concordo, ao mesmo tempo que seria complacente com as ideias de quem defendo, não aplicando a elas o mesmo critério.

MAS AFINAL, POR QUE O CASO DO SENHOR JANIO DE FREITAS É TÃO EXEMPLAR?

O pequeno texto do jornalista Janio de Freitas, em resumo, não tem nada além daquilo que outros disseram e escreveram sobre o aniversário de um aninho do acontecido de 08/01/2023. Inclusive, outros jornalistas escreveram textos muito mais eloquente e cogitabundos sobre aquele ocorrido. Alguns até viram o primeiro aninho do 08/01/2023 como o mais tiunfal orgasmo cósmico sobre os fascistas e antidemocráticos nacionais. E o Senhor Janio de Freitas, em suas muitas décadas, escreveu textos maravilhosos e expressou opiniões de alto garbo. De modo algum eu almejo depreciar ou vilipendiar o saber e as contribuições já feitas pelo autor. Ele tem um legado respeitável. Já o admirei, como admirava Mirian Leitão, Clóvis Rossi e muitos outros e outras. Mas por que eu o tomo como eixo? Por nada em especial. Poderia tomar qualquer outro ou outra. É simplesmente uma escolha seletiva, porque o texto dele é visão corrente entre os ditos progressistas. Eu seleciono seu escrito apenas para adentrar ao argumento que ponho em relevo aqui: *o vício de uma tendência jornalística e intelectual brasileira que, ao refutar o militarismo e usar o golpe de 1964 como motivo para desqualificar moral e intelectualmente qualquer um que não se enquadre na cartilha do progressismo reinante, tornou-se cega (ou assim finge ser) para a razão e o curso natural das coisas*. A condenação de um (a Ditadura Militar) não deveria, por extensão, eliminar o outro (todo em qualquer conservador ou algo equivalente a esse termo).⁶ Mas de onde vem, então, esse desejo titânico e, às vezes até raivoso e

⁶ Porém, é notável que o ódio e a anulação do outro parte, segundo pessoas como Janio de Freitas e outros, sempre dos retrógados antidemocráticos. Um curso inverso é inimaginável para pessoas “ungidas” e “mais bem preparadas para o exercício democrático, lembra Thomas Soweel. Mas o que faz a imprensa progressista ou grande parte dela? Simplesmente atira seus argumentos, autoelevando-os à condições de melhores por meio de truques da novílingua, para não precisar discutir aquilo que propõe. Mas dogmáticos são sempre os outros.

intolerante, de condenar qualquer coisa que não esteja nas alças do assim chamado “progressismo”? Utilizando-se dos mais indecorosos impropérios, os libertários e democratas, mesmo quando está claro que a razão nunca está somente de um lado, aderem a determinado discurso, fingindo (ou acreditam mesmo) que somente pessoas de determinado matiz possam ser democráticas. Tudo e todos que não beberem da água desse poço de bondade (que Thomas Sowell chama de Ungidos) são retrógrados e atrasados porque estão impedindo os sonhos e as anseios democráticos de aflorarem? De onde vem esse maniqueísmo tosco e leviano, quando qualquer ser devidamente paramentado do mais elementar nível de racionalidade percebe que esse cenário é forçosamente assim mantido por alguma razão. Por qual, não sei. Pela verdade e pela busca de um julgamento justo é que não é.

Nesse sentido, o Senhor Jânio de Freitas é o protótipo de pessoa que esqueceu aquilo que Lutero ensinava: saber ouvir, falar com equidade e saber o dia de parar. Um jornalista que se preze precisa algo muito simples: capacidade de autoanálise sobre si e sobre a empresa ou o sítio eletrônico por meio do qual divulga suas opiniões. É óbvio que isso cabe também a professores, advogados, empresários, deputados, motoristas e etc. O que claramente o Senhor Jânio de Freitas não quer fazer. Nem ele e nem uma série de pessoas que fazem parte da grande imprensa mediática nacional? A própria arrogância, a ignorância ou o dogmatismo político progressista da imensa maioria de seus leitores, é o que mantém pessoas assim no jornalismo, e portanto tempo. Mas por quê?

É tão somente por esse motivo que me apeguei ao pequeno e esdrúxulo texto de Freitas. Não pelo que ele desenvolve, mas pelo que ele deixa de dizer. Nos pressupostos das afirmativas estão os elementos que ele, apenas de modo implícito, considera válidos. Na “implicitude intencional” de suas ideias e de muitos do mesmo matiz, está a tendência ideológica eschachada, mas não justificada, como se pensa. Sua opinião não está por si só qualificada e evidente pelos longos anos em que labutou a “favor da verdade”. Nenhum democrata pode aceitar o maniqueísmo tosco e leviano que nos assola. Nenhum lutador pela democracia pode abdicar expressamente da verdade e da razão. Mas que verdade é essa quando somente aponta-se o dedo aos invasores do Congresso com o objetivo de alcunhá-los de antidemocratas? Que verdade pode haver quando se divide o mundo entre certos e errados tão somente pelas opções ideológicas? Em que medida o 8 de janeiro foi uma vitória da democracia? E se foi, então precisa-se deixar claro, com argumentos consistentes e não achar que a posição ideológica defendida torna todo e qualquer argumento autoevidente. E o que aconteceu em 2017, para falar de outro caso mais recente, o que nos disse o Senhor defensor da Democracia, Jânio de Freitas e muitos outros? Nada. E o que nos dizem sobre o STF, cujas ações e decisões recentes, algumas estranhamente ardilosas e sorradeiras, como aquela de 2019 que mudou uma decisão da própria Corte tomada em 2016? Sobre isso, os “democratas e libertários” nada tem a dizer. Mesmo quanto tal decisão permite pensar que foi somente para beneficiar alguém que hoje “casualmente” é o Presidente da República. Mas, na visão do Senhor Janio de Freitas e a grande imprensa nacional, tal ocorrido não forma motivo para que uma parcela da população levante suspeitas. Ora, é exatamente esse o estopim da coisa. Não só essa decisão, mas tudo o que envolve esta e muitas outras decisões. Não defender as invasões de prédios públicos, do Congresso, dos ministérios, é uma coisa. Todavia, os progressistas “defensores da democracia” não usam as mesmas palavras para falar de atos de sem-terra e congêneres, dos quais todo dia se ouve que invadiram, depredaram, roubaram isso e aquilo. Sobre isso, pessoas como o Senhor Janio de Freitas e outros muitos, com pensamentos e legados idênticos, nada dizem. Por que nada dizem? Analisem!

Desde quando colocar-se contra decisões questionáveis de ministros e juízes depõe contra a democracia? E se sim, então me diga de qual democracia? Desde quando a indignação e as perguntas de 60 milhões de pessoas com mais de 16 anos, de modo implícito, bem ou mal representados naqueles atos de janeiro de 2023, querem destruir o amor, a liberdade e o sonho de um mundo melhor? E as imagens que sumiram? O que

faziam pessoas ligadas ao Governo recém eleito no Congresso naquele dia? E aquelas pessoas que lá estariam infiltradas? É também antidemocrático levantar essa hipótese quando conhece-se bem os métodos de sindicalistas, MST e as táticas que a turma de Lula e ele próprio desenvolveram e utilizaram ao longo das décadas? Dias após aquela invasão, circulou a hipótese de ter havido umas 47 a 50 pessoas identificadas pela PF e Abin como não pertencentes àqueles grupos acampados em frente ao Congresso. Mas nada dessa investigação prosseguiu. Ou, foi sumariamente abafada e imagens sumiram. O ministro da Justiça de então, o Senhor Flávio Dino, teve atitudes suspeitas e deu entrevistas pra lá de enviesadas, mas tudo foi logo abafado. O senhor Flávio Dino, inclusive, já foi reconduzido ao judiciário, mas agora como Ministro da Suprema Corte. Só isso já algo pra lá de questionável. Mas não em uma democracia, como a brasileira, pensam os progressistas. Resolvido? Nada. Só pólvora para produzir mais barulho e condenar ainda mais os invasores do Congresso como se aquilo tivesse sido a pior coisa que já ocorrera no país. Em vez de buscar repostas, Janio de Freitas e muitos da grande imprensa, preferem produzir um discurso barato e covarde. Ou então, em vez de ajudar, jogam somente mais lenha na fogueira. Por isso mesmo, o pequeno e, talvez até desprezível texto de Freitas, é exemplar. Eu o escolhi como protótipo, por ver nele um certo padrão majoritariamente presente em todos os que condenam os atos de 08/01/2024. Em regra, os argumentos são sempre idênticos e com afirmativas igualmente levianas e rasas. Ou então, selecionado o que interessa para simplesmente emitir juízos como se os argumentos progressistas fossem tão superiores a ponto de não precisarem explicar a razão apologética que os move.

Mas quem suspeita das ações mais centrais do poder, é antidemocrático, fascista e só quer tolher os sonhos dos que almejam um Brasil melhor. Em que lugar do mundo uma Suprema Corte age como vem agindo o STF em tempos recentes? Talvez no Congo, no Gabão, na Eritreia que, como sabemos, são eminentes democracias modelares para um mundo afundado em falta de ética. Mas sobre isso o Senhor Jânio silencia. Desde quando o 8 de janeiro de 2023 foi só algo fortuito, algo de desvairados, quando voltaram à cena política em 01/08/23 pessoas cujo passado foi pra lá de comprometedor? Nenhuma eleição também é neutra. Já vem de tempos que se questiona ações do STF. Como sabemos, onde há fumaça, há fogo. E faz tempo. Se o fogo vem apenas de “golpistas e antidemocráticos”, como entender se mesmo no PT e nas siglas que o levaram de volta à presidência nacional, há também muitas vozes com opinião semelhante? E sobre o STF então? Há sempre muitas forças em jogo. Para pessoas “cultas e ilibadas do jornalismo nacional” que o Senhor Jânio de Freitas representa tão bem, a economia, os gastos, as mordomias, os roubos, a corrupção, que o próprio Gilmar Mendes chamou de Cleptocracia, são coisas que só são possíveis de serem analisadas quando acontecem na casa do vizinho. Quando ocorrem sob a benção do Lulismo e da ardilosidades de uma estrutura judiciária viciada por que autoritária ou autoritária porque viciada, o Senhor Jânio de Freitas nada diz. É o jornalismo ilibado e seletivo cuja capacidade crítica não precisa ser questionada porque é autoevidente, pensa o senhor Jânio de Freitas e seus asseclas. O próprio Gilmar Mendes, como mencionei acima, chamou o lulopetismo de Cleptocracia de Estado, a partir do que propôs a prisão em 2ª instância para quem assim estivesse julgado. Porém, apercebido o perigo a que expôs o Grande Irmão e a democracia coletivista, desandou a falar mal daquela decisão como se não tivesse sido ele mesmo o proponente mor dela. Depois, fingindo esquecimento ou apostando em nossa falta de força política para fazer qualquer contraponto, passou a praguejar e fazer o diabo para revertê-la, seja por que meios fossem. Mas tudo isso é, para o Senhor Jânio de Freitas e seus parceiros e apoiadores ideológicos da imprensa massiva brasileira, uma questão democrática cujas sombras não tem qualquer relevância. Como se ali não estivesse encalacrado o ovo da serpente cuja explosão se deu em 8 de janeiro de 2023. Mas jornalistas como o Senhor Jânio de Freitas, do alto de seus 90 anos e muitos serviços prestados à “ilibada e isenta

imprensa nacional" pode dizer o que quiser porque sempre será respeitado. Menos por mim e por 60 milhões de brasileiros e brasileiras com mais de 16 anos.